

Atos

Paulo no Tribunal! (24:1–23)

Certa congregação estava precisando de um pregador. Um dos presbíteros estava tentando descobrir que tipo de pregador a igreja queria. Para isso, ele redigiu uma carta e leu-a para a congregação como se fosse escrita por um candidato:

Entendendo que vocês estão precisando de um pregador, gostaria de me candidatar à vaga. Tenho muitas qualificações que, acredito eu, vocês apreciariam. Tenho sido abençoado com uma pregação poderosa e tenho tido algum êxito como escritor. Alguns dizem que sou bem organizado. Já fui líder em muitos lugares onde estive.

Outros, porém, têm algumas objeções contra mim. Tenho mais de cinquenta anos. Minha saúde não é das melhores, mas consigo ir levando. Nunca preguei num local por mais de três anos. A maioria das congregações em que preguei são pequenas. Geralmente tive de trabalhar por conta para ajudar a pagar minhas despesas. Receio que não seja muito bom em manter um registro de tudo o que faço (sou conhecido até por esquecer quem batizei).

Não tenho me dado muito bem com líderes religiosos de várias cidades. De fato, alguns deles já me ameaçaram, levando-me a juízo e chegando até a me atacar fisicamente. Em muitos lugares, tive de sair da cidade às pressas, quando meu trabalho havia provocado motins e confusão. Já estive até preso três ou quatro vezes, mas não por ter praticado algo de errado.

Se eu puder lhes ser útil, farei o melhor possível por vocês, ainda que tenha de trabalhar para ajudar no meu sustento¹.

Depois de ler essa carta, o presbítero perguntou aos membros se se interessavam pelo candidato. Todos concordaram que ele jamais serviria para aquela congregação. Não queriam um pregador sem saúde, briguento, polêmico e ex-condenado, e se sentiram até ofendidos por ele se apresentar como candidato. Um membro, porém, perguntou o nome do pregador. O presbítero, então, respondeu: “O apóstolo Paulo”.

Os últimos sete capítulos de Atos falam de Paulo como um “pássaro engaiolado”, um réu — um pouco em Jerusalém (22:24), depois dois anos em Cesaréia (23:33–35; 24:27), seguidos de pelo menos dois anos em Roma (28:16, 30). Paulo não era um estranho para a vida na prisão. Havia sido encarcerado várias vezes (2 Coríntios 11:23). Nunca antes, porém, o apóstolo teve de enfrentar o confinamento dia após dia, semana após semana, mês após mês e ano após ano. Como estivesse acostumado a um estilo de vida ativo, vigoroso, essa foi uma das maiores tribulações que Paulo experimentou. Porém, ao estudarmos esses capítulos, quero que vejamos a atitude positiva de Paulo mantida por todo esse período de tribulação².

Na lição passada, vimos Paulo ser levado para Cesaréia e entregue ao governador Félix, que o encarcerou no pretório de Herodes (23:23–35). Esta lição trata do primeiro julgamento de

¹Esta carta apareceu em muitas publicações, de várias formas. Minha versão é uma adaptação de várias versões. ²Ele foi capaz de ter essa atitude *depois* que o Senhor apareceu-lhe com uma mensagem de confiança (23:11). Veja a lição “Esperança Renovada”.

Paulo em Cesaréia — um dos muitos julgamentos pelos quais ele teve de passar durante os cinco ou mais anos em que esteve preso³. Observe que, mesmo quando atacado e caluniado, Paulo se manteve “com ânimo” (24:10).

UMA DENÚNCIA FALSA (24:1–9)

Depois que Paulo estava seguro fora de Jerusalém, o comandante informou o Sinédrio que o prisioneiro fora transferido para Cesaréia. Provavelmente, foi com grande satisfação que o oficial lhes disse que, se quisessem ir adiante com o caso, teriam de viajar até Cesaréia e apresentar o caso perante o governador Félix⁴. Os líderes judeus devem ser ficado furiosos por Paulo ter escapado de suas garras novamente, mas não estavam prontos para admitir a derrota. Dentro de dias, estavam de novo prontos para tentar eliminá-lo.

“Cinco dias⁵ depois, desceu⁶ [para Cesaréia] o sumo sacerdote, Ananias⁷, com alguns anciãos⁸ e com certo orador⁹, chamado Tértulo¹⁰, os quais apresentaram ao governador libelo contra Paulo” (v. 1). O velho sumo sacerdote Ananias provavelmente ficou descontente com a viagem de quase cem quilômetros até Cesaréia, mas estava disposto a sofrer qualquer desconforto para exterminar Paulo. Ele e os demais líderes contrataram os serviços de um orador capacitado chamado Tértulo para que apresentasse o caso. Provavelmente fizeram isso porque: 1) Tértulo estaria mais familiarizado com a lei romana do que eles, e 2) certamente queriam se prevenir com as adulações que a ocasião permitia.

Tendo chegado a Cesaréia, foram conduzidos à presença de Antônio Félix¹¹, o governador (procurador) romano da Judéia¹². Depois de Paulo ter sido trazido (24:2a), Tértulo deu início aos procedimentos dirigindo-se a Félix com “adulações enjoativas”¹³:

...tendo nós, por teu intermédio, gozado de paz perene, e, também por teu providente cuidado, se terem feito notáveis reformas em benefício deste povo, sempre e por toda parte, isto reconhecemos com toda a gratidão (vv. 2b, 3).

Na verdade, Félix havia reprimido várias rebeliões¹⁴; mas fez isso com uma crueldade que enfureceu até os judeus moderados. A maioria dos cidadãos da Judéia diriam que qualquer paz que existisse era apesar dele, e não por causa dele. Félix, porém, tanto era juiz como júri — e Tértulo diria qualquer coisa para atraí-lo para o lado deles.

O fluente orador continuou: “Entretanto, para não te deter por longo tempo [como se saudações fossem deter o governador!], rogo-te que, de conformidade com a tua clemência, nos atendas por um pouco” (v. 4). Tértulo então apresentou três acusações contra Paulo — acusações tão falsas quanto sua adulação:

A primeira acusação era *pessoal*: “Porque, tendo nós verificado que este homem é uma peste...” (v. 5a) — literalmente, “uma praga, uma pestilência”! Em outras palavras: “Paulo é um agitador de primeira linha, nenhuma pessoa de bom sendo deveria deixá-lo viver!”

A seguir, veio uma acusação *política*: “e promove sedições entre os judeus esparsos por todo o mundo, sendo também o principal agitador da seita dos nazarenos” (v. 5b). Essa seria a acusação de maior interesse para Félix, uma vez que ele estava incumbido pelo governo romano de manter a paz. Essa acusação tinha um fundo de verdade, pois havia ocorrido desordem em muitos lugares em que Paulo estivera¹⁵. Mas, era uma inverdade deduzir com isso que Paulo havia instigado o tumulto.

Observe a expressão “agitador da seita¹⁶ dos nazarenos”. Esta é a única ocorrência nas Escrituras do termo “nazarenos” usado em referência

³Quando o curto período em Jerusalém *mais* a viagem até Roma *mais* algum tempo em que esteve preso depois de 28:30 é acrescentado aos dois anos em Cesaréia e aos dois anos em Roma, o *total* é pelo menos cinco anos. ⁴Veja as notas a Atos 23:30, na lição “Esperança Renovada”. ⁵Isso deve ter sido cinco dias depois da chegada de Paulo a Cesaréia, mas poderia ser cinco dias desde o tempo em que os judeus souberam que Paulo havia partido. ⁶Jerusalém ficava a uns 730 metros acima do nível do mar; Cesaréia ficava na costa. ⁷Veja as notas a Atos 23:2 na lição “Rejeitado em Jerusalém!”. ⁸Esses “anciãos” seriam outros membros do Sinédrio. ⁹Tértulo recebera treinamento em persuasão legal, era uma espécie de advogado. ¹⁰Tértulo é um nome latino (é o diminutivo de “terceiro” em latim), não sabemos se era romano ou judeu helenista. ¹¹Existe certa dúvida quanto ao terceiro nome de Félix. Muitos estudiosos pensam que era “Marco”. ¹²De tempos em tempos, a Judéia era governada por procuradores, que eram representantes de Roma. Pilatos foi um desses (Mateus 27:2). Os únicos outros governadores citados em Atos são Félix (veja 23:24, 26) e Festo (estudaremos sobre Festo nos capítulos 25 e 26). ¹³William Barclay, *The Acts of the Apostles* (“Os Atos dos Apóstolos”), The Daily Study Bible Series, ed. rev. Filadélfia: Westminster Press, 1976, p. 168. Para a atitude de Deus para com adulações, leia Provérbios 26:28. ¹⁴Para um exemplo de uma dessas rebeliões, veja as notas a Atos 21:38, na lição “E Julgavam”. ¹⁵Veja Atos 13:50; 14:5, 19; 17:5–9, 13; 18:12–16; 19:23–41. ¹⁶O grego traduzido por “seita” é *hairesis*, palavra de onde provem “heresia”.

aos cristãos. Era uma designação usada pelos judeus que significava “seguidores de Jesus de Nazaré”¹⁷. Era uma termo de escárnio: “De Nazaré pode sair alguma coisa boa?” (João 1:46b)¹⁸. Uma vez que Tértulo chamou esse grupo desprezível de “seita”, devia estar sugerindo que o cristianismo era uma religião ilegal¹⁹, devendo ser proibido por Roma.

Finalmente, o orador fez uma acusação religiosa: “o qual também tentou profanar o templo” (24:6a). Originalmente, os judeus da Ásia haviam anunciado que Paulo profanara o templo (21:28); agora, essa acusação havia sido suavizada para “tentou profanar o tempo” — uma acusação mais vaga e portanto difícil de comprovar ou desmentir. Como já observado, Roma deu às autoridades do templo o direito de executarem qualquer um que profanasse o templo²⁰.

Tértulo acrescentou:

...nós o prendemos [com o intuito de julgá-lo segundo a nossa lei. Mas, sobrevindo o comandante Lísias, o arreatou das nossas mãos com grande violência, ordenando que os seus acusadores viessem à tua presença] (vv. 6b, 7, 8a).

A cena do tumulto no capítulo 22 dificilmente poderia ser descrita como uma prisão formal em preparação para um julgamento! Warren Wiersbe disse: “Quando se compara o relato de Lucas da prisão de Paulo (Atos 21:27–40) com o relato do capitão (Atos 23:25–30) e com o relato do advogado [orador] (Atos 24:6–8), pode-se entender bem por que juízes e jurados ficam confusos”²¹. Obviamente, o orador não sabia que Félix tinha em mãos uma declaração de Lísias de que este havia salvo Paulo dos judeus enquanto tentavam matá-lo (23:27).

Observe os colchetes compreendendo o final do versículo 6, o versículo 7 inteiro e a primeira parte do versículo 8. Esse trecho não está incluído em muitos manuscritos. Por haver provas textuais insuficientes a favor da autenticidade desse

trecho, a maioria das traduções o inclui entre colchetes ou numa nota de rodapé²². Falando de sua própria tradução em seu comentário de Atos, Simon Kistemaker explicou: “O texto ocidental tem um traço de autenticidade. Portanto, não desejo impedir sua inclusão mas, de modo justo, inseri-lo entre colchetes”²³. F.F. Bruce concordou: “O timbre do acréscimo no texto ocidental está tão perfeitamente afinado com o resto do discurso de Tértulo que há uma tendência de aceitá-lo como autêntico”²⁴.

Tendo feito o melhor para influenciar o governador contra Paulo, Tértulo concluiu: “Tu mesmo, examinando-o, poderás tomar conhecimento de todas as coisas de que nós o acusamos” (v. 8b). Se a passagem entre colchetes for excluída, Tértulo teria se referido a examinar Paulo²⁵; se for excluída, teria se referido a examinar o comandante romano²⁶. De qualquer forma, o orador expressou sua confiança de que quando Félix reunisse todos os fatos, ficaria a seu favor.

A essa altura, o sumo sacerdote e os anciãos reforçaram em coro: “Os judeus também concordaram na acusação, afirmando que estas coisas eram assim” (v. 9).

UMA DEFESA “COM ÂNIMO” (24:10–21)

Se os judeus pretendiam que o governador interrogasse Paulo, ficaram decepcionados. Ao contrário disso, o governador simplesmente fez “sinal que falasse” e Paulo começou sua defesa (v. 10a).

Em vez de começar com bajulações (veja 1 Tessalonicenses 2:5a), Paulo simplesmente se referiu à experiência de Félix em lidar com os judeus: “Sabendo que há muitos anos és juiz desta nação, sinto-me à vontade para me defender” (v. 10b)²⁷. Com a ajuda do Senhor, o apóstolo permaneceu inalterado, o dono da situação. Jesus prometera:

...lançarão mão de vós e vos perseguirão, entregando-vos às sinagogas e aos cárceres,

¹⁷Observe Mateus 2:23; 21:11; 26:71; Marcos 1:24; Lucas 4:34; 18:37; João 1:45. ¹⁸Essa passagem não autoriza os seguidores de Jesus a se referirem como “nazarenos”. ¹⁹Veja as notas a Atos 18:13 na lição “O Senhor Sempre Cumpre Sua Palavra”. ²⁰Veja as notas a Atos 21:28, 29 na lição “E Julgavam!”. ²¹Warren W. Wiersbe, *The Bible Expository Commentary* (“Comentário Expositivo da Bíblia”), vol. 1. Wheaton, Ill.: Victor Books, 1989, p. 499. ²²A ERA traz o trecho entre colchetes, a ERC o incorpora ao texto e a NVI o traz numa nota de rodapé. ²³Simon J. Kistemaker, *New Testament Commentary: Expository of the Acts of the Apostles* (“Comentário do Novo Testamento: Exposição de Atos dos Apóstolos”). Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1990, p. 883. ²⁴F.F. Bruce, *The Book of Acts* (“O Livro de Atos”), ed. rev. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1988, p. 441. ²⁵McGarvey pensou que esse era um sinal de Paulo seria “examinado sob açoite” (22:24) (*New Commentary on Acts of Apostles* [“Novo Comentário de Atos de Apóstolos”], vol. 2. Delight, Ark.: Gospel Light Publishing Co., s.d., p. 235). ²⁶Alguns pensam que as palavras de Félix no v. 22 sobre mandar chamar Lísias são em resposta à sugestão de Tértulo no v. 8, e que, portanto, a referência fosse a Lísias ser examinado para se descobrir o que realmente sucedera. ²⁷Compare essas palavras com a afirmação em Atos 26:2.

levando-vos à presença de reis e governadores, por causa do meu nome; e isto vos acontecerá para que deis testemunho... eu vos darei boca e sabedoria a que não poderão resistir, nem contradizer todos quantos se vos opuserem (Lucas 21:12-15).

Agora, enquanto ficava em pé perante um governador, Paulo via cumprir-se essa promessa.

Primeiramente, ele respondeu à acusação de que era um agitador: “visto poderes verificar que não há mais de doze dias²⁸ desde que subi a Jerusalém para adorar”²⁹ — não para causar problema (v. 11). A importância dos doze dias era que não houvera tempo suficiente para Paulo incitar uma rebelião e, também, uma vez que os fatos haviam se passado pouco tempo atrás, Félix não teria dificuldades em localizar testemunhas oculares que pudessem contar-lhe o que realmente aconteceu.

Paulo acrescentou: “e que não me acharam no templo discutindo com alguém, nem tampouco amotinando o povo, fosse nas sinagogas ou na cidade” (v. 12). Contrariando seu costume, Paulo fora reticente em Jerusalém, provavelmente tentando abrandar os presbíteros que receavam que sua presença pudesse ser destrutiva (21:22)³⁰.

O apóstolo, então, focalizou seus acusadores: “nem te podem provar as acusações que, agora, fazem contra mim” (v. 13). O Sinédrio não tinha um conhecimento de primeira mão das acusações feitas; só lidara com boatos. Não trouxeram uma testemunha, apenas um orador fluente. Não havia provas para a acusação.

Paulo, porém, confessou-se culpado de uma acusação: reconhecia ser um cristão. “Porém confesso-te que, segundo o Caminho, a que chamam

seita³¹, assim eu sirvo ao Deus de nossos pais” (v. 14a). Observe o termo “Deus de *nossos* pais”. Ele ainda se identificava com os judeus, até mesmo com seus acusadores. Disse ele: “acreditando em todas as coisas que estejam de acordo com a lei e nos escritos dos profetas” (v. 14b). Ele não havia rejeitado as Escrituras judaicas; de fato, cria que elas prediziam a vinda do Messias e Seu reino. “Paulo e os cristãos primitivos não se viam como ‘os judeus do passado’ mas como ‘judeus da promessa’”³², os verdadeiros descendentes de Abraão (Gálatas 3:29).

Quanto ao que estava na “lei e nos escritos dos profetas”, acrescentou ele: “tendo esperança em Deus, como também estes a têm, de que haverá ressurreição, tanto de justos como de injustos”³³ (v. 15). Os profetas do Antigo Testamento falaram da ressurreição (veja Daniel 12:2, 3). Como os saduceus não acreditavam na ressurreição de Cristo, alguns anciãos presentes pareciam ser fariseus, os quais acreditavam na ressurreição. Por isso Paulo falou da “esperança... como também *estes* a têm”³⁴ (grifo meu).

O conceito da ressurreição pressupõe um dia de juízo, um dia em que todos ficarão perante Deus e prestarão contas a Ele. Daí, Paulo ter dito: “Por isso, também me esforço³⁵ por ter sempre consciência pura diante de Deus e dos homens”³⁶ (v. 16). Em outras palavras: “Apresento-me perante o senhor como inocente!”

Uma acusação permanecia sem resposta, a acusação específica de ter ele tentado profanar o templo. Paulo começou sua explicação do que realmente acontecera: “Depois de anos³⁷, vim trazer esmolas³⁸ à minha nação e também fazer oferendas” (v. 17). A doação que Paulo trouxera

²⁸A maneira mais simples de interpretar isso é que ele havia ido a Jerusalém somente há doze dias. Como esse julgamento estava acontecendo no quinto dia em que Paulo estava em Cesaréia, restavam a Paulo somente sete dias em Jerusalém. Alguns julgam que esse tempo era insuficiente para tudo o que aconteceu e acreditam que os doze dias refiram-se somente ao tempo em que esteve em Jerusalém, incluindo os dias em que ficou preso. Dessa forma, a maior parte dos doze dias ele estivera na prisão, sobrando pouco tempo para causar problemas. ²⁹A expressão “para adorar” poderia se referir à adoração no templo, à reunião com os amigos cristãos da região, ou a ambos os casos. O ponto é que ele fora a Jerusalém com fins pacíficos, não destrutivos. ³⁰Também é possível que Paulo estivesse honrando um acordo feito com Tiago, Pedro e João (Gálatas 2:9). ³¹Paulo disse que *os judeus* chamavam o cristianismo de seita; ele mesmo não dizia isso. A igreja nunca foi e nunca será uma seita. ³²Wiersbe, p. 500. ³³Embora o Novo Testamento fale muitas vezes da ressurreição tanto dos justos como dos injustos (veja João 5:28, 29), esta foi a única vez que Paulo falou disso. Geralmente, quando Paulo falava ou escrevia a respeito da ressurreição, sua ênfase era a ressurreição dos justos (por exemplo, 1 Coríntios 15). ³⁴O sumo sacerdote era saduceu, como certamente outros que o acompanhavam; mas hesitariam em afrontar Paulo perante o governador, porque queriam apresentar-se como uma frente unida perante Félix. ³⁵Literalmente, o texto original tem: “Exercito-me”. Esse “exercício” espiritual é mais importante do que o físico. ³⁶Veja as notas sobre consciência relacionadas ao v. 23:1, na lição “Como Fazer uma Apologia”. ³⁷Se 18:22 refere-se a uma visita a Jerusalém, haviam se passado uns cinco anos desde que Paulo visitara Jerusalém. Caso contrário, fazia muito tempo que ele estivera ali. Em outras palavras, por todo esse tempo, ele não estivera dentro do território de Félix, causando problemas. ³⁸“Esmolas” refere-se à ajuda benevolente (veja 3:2, 3, 10; 10:2, 4).

era especificamente para judeus (judeus cristãos de Jerusalém) — mas para judeus, apesar de tudo — de modo que a afirmação de que trouxera esmolas para sua “nação” era precisa. Os termos “esmolas e oferendas” devem ter chamado a atenção de Félix³⁹. Aparentemente, esse judeu era um homem de condições e/ou influência; talvez o governador pudesse aumentar a receita (veja v. 26)!

Paulo continuou: “e foi nesta prática que alguns judeus da Ásia me encontraram já purificado no templo [veja 21:26], sem ajuntamento e sem tumulto” (v. 18a). Tais fatos poderiam ser verificados nos registros do templo. “Alguns judeus da Ásia⁴⁰ ... os quais deviam comparecer diante de ti e acusar, se tivessem alguma coisa contra mim” (vv. 18b, 19). Os judeus da Ásia eram os que originalmente acusaram Paulo de profanar o templo (21:27, 28); se as acusações fossem verdadeiras, deveriam estar lá como testemunhas para a instauração do processo⁴¹. Novamente, Paulo estabeleceu que os líderes judeus não podiam provar as acusações que levantaram contra ele (v. 13).

Paulo concluiu com um desafio direto aos membros do Sinédrio:

Ou estes mesmos digam que iniquidade acharam em mim, por ocasião do meu comparecimento perante o Sinédrio, salvo estas palavras que clamei, estando entre eles: hoje, sou eu julgado por vós acerca da ressurreição dos mortos⁴² (vv. 20, 21).

Posso ver os rostos do sumo sacerdote e dos anciãos corando por constrangimento e raiva. Quando Paulo levantou-se perante o Sinédrio, eles não o haviam indiciado por ter quebrado a lei⁴³. Em vez disso, a assembléia exaltou-se violentamente depois que ele declarou: “Sou eu

julgado por vós acerca da ressurreição dos mortos” (veja 23:6–10). Não tinham o que responder a Paulo, pelo menos nada que quisessem verbalizar perante Félix.

Paulo levantou-se perante seus acusadores vitoriosos, à espera de uma decisão do governador. Deveria ser liberto.

UMA DECISÃO COMPROMETEDORA

(24:22, 23)

Mencionei anteriormente que os líderes judeus não estavam cientes de que Félix tinha em mãos o relatório do comandante romano Cláudio Lísias. Também não sabiam que o governador tinha algum conhecimento do cristianismo. Lucas disse: “Félix, conhecendo mais acuradamente as coisas com respeito ao Caminho...” (v. 22)⁴⁴. Como Félix ficou sabendo do “Caminho”, Lucas não disse. Talvez um oficial romano chamado Cornélio (10:1–48) tivesse partilhado sua fé com o governador. Talvez Félix tivesse ouvido Filipe, o evangelista (8:40; 21:8) enquanto “anunciava a Jesus” (8:35). Talvez, sendo governador, tenha assumido a responsabilidade de saber o que se passava. Aparentemente, porém, o conhecimento de Félix chegara somente à sua mente e não ao coração. “Tendo visto a luz, preferiu viver nas trevas.”

Ainda que conhecer o Caminho não tivesse mudado a vida do governador, impediu que ele fosse induzido pela delegação de judeus. Obviamente, Paulo não era culpado de nada “que justificasse morte ou mesmo prisão” (23:29) e deveria ser solto⁴⁵, mas o governador estava mais preocupado com as boas relações com os judeus (veja 24:27) do que com a justiça. Além disso, ele já estava pensando em como poderia pôr as mãos no dinheiro que Paulo mencionara

³⁹O termo “oferendas” podia se referir a sacrifícios no templo, mas nada indica que Paulo planejasse oferecer qualquer sacrifício até que os presbíteros sugeriram isso (21:23, 24). O termo “oferendas” provavelmente refere-se à oferta de amor levada aos judeus cristãos (em 2 Coríntios 9:12, vemos que um propósito da contribuição era produzir “muitas ações de graça”). Na região em que moro, sempre nos referimos à contribuição como uma “oferta”. ⁴⁰Há uma pausa no pensamento no original indicada em algumas traduções por um travessão. Paulo interrompeu o que estava falando nesse ponto. Por todo o relato de seu julgamento, tanto na acusação de Tértulo como na defesa de Paulo, Lucas captou as variações de um discurso normal. ⁴¹Onde *estavam* os judeus da Ásia? Provavelmente, eles simplesmente sumiram de vista, uma vez que não conseguiram matar Paulo. Mesmo que ainda estivessem nas circunvizinhanças de Jerusalém, a delegação de judeus até Cesaréia não ousou levá-los porque não tinham *prova* alguma de sua acusação. ⁴²Paulo não estava dizendo que sua afirmação era uma “iniquidade” nem estava ele se desculpando pela afirmação. Queria dizer o que eu estaria dizendo com as seguintes palavras: “A única coisa de que sou culpado é de estar fazendo o que me disseram para fazer” — isto é, “Não sou culpado de nada”. ⁴³Se crer na ressurreição era um crime, então todos os fariseus do Sinédrio também eram criminosos! ⁴⁴“Mais” é um termo de comparação. A expressão poderia significar um conhecimento mais preciso “do que eles supunham” ou “do que os líderes judeus” ou “do que a maioria das pessoas”. ⁴⁵Aqui está outro paralelo entre os julgamentos de Jesus e de Paulo. Ambos eram inocentes vez após vez, mas ainda assim não eram soltos.

(veja v. 26).

Sendo assim, Félix despediu-se da delegação de judeus dizendo: “Quando descer o comandante Lísias, tomarei inteiro conhecimento do vosso caso” (v. 22b). Não há indícios de que Félix tivesse chamado Lísias ou de que o comandante tivesse ido a Cesaréia para ser interrogado acerca do caso⁴⁶. As palavras do governador eram meramente uma desculpa para não tomar uma decisão, um pretexto para procrastinar. Félix parecia inclinado a esquivar-se (veja v. 25). Os líderes judeus decidiram deixar o caso até que Félix fosse substituído (veja 25:1, 2).

Nesse ínterim, Félix “mandou ao centurião que conservasse a Paulo detido, tratando-o com indulgência e não impedindo que os seus próprios o servissem” (24:23). A situação do apóstolo devia ser semelhante àquela posterior em Roma, em que ele foi mantido acorrentado a um soldado (28:16, 20), podendo receber “todos que o procuravam” (28:30).

Paulo passou os próximos dois anos nessa condição (24:27). Durante esse tempo, deve ter pensado em qual era o plano de Deus. Ele não estava perto de Roma, e certamente sentia falta de viajar e pregar. Talvez escrevesse um pouco⁴⁷ e pregasse no cárcere, como fazia mais tarde em Roma (28:31). Talvez Deus estivesse dando a Paulo tempo para recuperar-se dos maus tratos físicos e emocionais sofridas nas últimas duas décadas.

Muitos escritores pensam que o hiato de dois anos deram a Lucas tempo e oportunidade para pesquisar e escrever seu Evangelho e a primeira parte de Atos⁴⁸. Durante esses meses, Lucas poderia ter entrevistado muitos dos principais personagens do drama da vida de Jesus e dos primórdios da igreja em Jerusalém (veja Lucas 1:3). Poderia ter passado horas com Paulo recapitulando seu ministério e suas viagens. Burton Coffman disse:

No que diz respeito às investigações minuciosas e às entrevistas com testemunhas ocula-

res do glorioso início do Cristianismo feitas por Lucas, pode-se ver a Providência graciosa que sobrepujou a injustiça sofrida pelo apóstolo Paulo, proporcionando nesse sofrimento e demora a ocasião para que o amado médico Lucas preparasse seus indispensáveis escritos⁴⁹.

Quaisquer que fossem os propósitos de Deus, Paulo submeteu-se a eles. Lembre-se que foi de um cárcere que ele escreveu: “Alegrai-vos sempre no Senhor; outra vez digo: alegrai-vos” (Filipenses 4:4).

CONCLUSÃO

Um centurião no Forte Antônia referiu-se ao apóstolo como “o preso Paulo” (23:18). Essa expressão descreve Paulo durante todos os últimos sete capítulos de Atos. Paulo referiu-se a si mesmo como “prisioneiro de Cristo Jesus” (Efésios 3:1) e “prisioneiro no Senhor” (Efésios 4:1). Observe que Paulo não se considerava prisioneiro de Roma, mas “prisioneiro do Senhor”! Paulo aceitava a própria sorte porque acreditava estar onde o Senhor queria que ele estivesse; ele acreditava que o Senhor sabia o que era melhor e faria tudo dar certo!

Alguns cristãos estão realmente na prisão. Muitos sentem-se presos pelas circunstâncias, por forças fora do controle. Se você está se sentindo assim, está conformado com sua situação como Paulo estava, ou se aborrece e se preocupa com as situações que não pode mudar? Uma vez que você já fez tudo o que pôde, está disposto a deixar a questão nas mãos de Deus?

No meu trabalho com internos na cadeia na cidade de Vênus, Texas, encontrei muitos atrás das paredes da prisão que estavam libertos em Cristo (Romanos 8:2; Gálatas 5:1), tanto espiritual quanto emocionalmente. Mas, fora da prisão, encontrei multidões aprisionadas pelo pecado (Romanos 6:17) e por seus próprios medos (Levítico 26:17). Quem confia no Senhor encontra nas palavras de Richard Lovelace uma verdade: “Paredes de pedra não fazem uma cadeia, nem barras de ferro, uma cela!”⁵⁰ ❖

⁴⁶Félix já tinha o relatório do oficial e não carecia chamá-lo. ⁴⁷Até onde sabemos, nenhum desses escritos foi preservado. Alguns sugerem que “as epístolas da prisão” (Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemom) foram escritas em Cesaréia, mas parece mais provável que tenham sido escritas em Roma (veja Filipenses 4:22). Outro palpite é que Paulo escreveu Hebreus enquanto estava encarcerado em Cesaréia; mas como não se sabe quem escreveu Hebreus, isso não passa de especulação.

⁴⁸Como Lucas estava com Paulo quando o apóstolo chegou a Jerusalém (21:17), e também dois anos mais tarde, em Roma (27:1), presume-se que ele ficou na região durante os dois anos. ⁴⁹James Burton Coffman, *Commentary on Acts* (“Comentário de Atos”). Austin, Tex.: Firm Foundation Publishing House, 1976, pp. 462, 463. ⁵⁰Citado em Christopher Morley, ed., *The Shorter Barlett's Familiar Quotations* (“Pequenas Citações Conhecidas de Barlett”). Nova York: Permabooks, 1953, p. 223.